

Miguel Castanho

“Por agora, como diz o povo, é muita parra e pouca uva”

Entrevista

Clara Barata

Vacinas da Pfizer, da Moderna, da Rússia – sabe-se pouco ou quase nada sobre elas, só se ouviu dizer que têm taxas de sucesso astronómicas, na casa dos 90%. O cientista Miguel Castanho, do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, explica porque é que isto é até perigoso. **Que comentário faz a estes anúncios sucessivos sobre as vacinas para a covid-19 em desenvolvimento, tudo só através de comunicados de imprensa?**

Primeiro, foi a Pfizer-BioNtech, depois vieram logo os responsáveis da vacina russa dizer que a deles tinha 92% de eficácia, agora, a Moderna a dizer que tem 95% e tudo isto sem dados. Não é que estejam todos a acelerar o processo de demonstração da eficácia da sua vacina. Estão simplesmente a precipitar-se a dar alguma informação, mas ainda sem resultados finais, sem terem todos os dados, o que do ponto de vista científico não tem consistência.

É mais um ambiente de competição comercial, em que não se revelam dados concretos. Do ponto de vista do mundo científico, esperar-se-ia algum recato, que se olhasse para os resultados finais – porque não importam só os resultados, é também como foram obtidos, como se planejaram os estudos e quais os critérios usados. Isso também conta e tem de ser alvo de escrutínio.

Mas então os ensaios clínicos terão sido mal concebidos?

Não, não. O que estou a dizer é que provavelmente os critérios de exi-

gência foram mais aligeirados. Aquilo que seria a precisão e robustez estatística dos resultados poderia eventualmente exigir mais dados e, abdicando dessa robustez estatística, podem obter-se resultados mais rapidamente. Menos testes chegam para alcançar o ponto que se pretendia. É isso que estou a dizer, e é algo que já vem sendo discutido na comunidade científica.

Este ambiente não é propício a uma análise muito correcta, porque não há dados

Mas começa-se a lançar na população a ideia de que tudo está a correr espectacularmente bem e que tudo será fácil com as vacinas, tudo será rápido, e não será assim. Enfim, por muito boa que venha a ser a vacina para a covid-19, nunca será fácil, devido à quantidade de gente que será preciso vacinar para ter um efeito prático. Portanto, este ambiente tem um efeito pernicioso e que não tem nada a ver com ciência.

E a ideia de que há aqui uma corrida ao lucro pode alimentar os movimentos antivacinas?

Pode. Pode ser usado como indício de que a corrida à vacina é na verdade uma corrida comercial e não pela saúde pública. Mas também se criam expectativas muito elevadas que poderão não ser cumpridas por alguma razão: tanto pode ser porque a eficácia não é tão elevada como se esperava, ou porque afinal há problemas de segurança em alguns grupos ou subgrupos populacionais ou porque a distribuição afinal é problemática ou porque nas condições

de armazenamento há uma degradação da vacina. Pode haver um problema qualquer em algum dos pontos críticos para além do desenvolvimento da vacina, e haver um defraudar de expectativas. Os movimentos antivacinação alimentam-se disso, da frustração das pessoas.

Mas a frustração pode ser só fruto das promessas, das ilusões que foram criadas. Até pode ser criada uma vacina que é boa, dentro do que é humanamente possível alcançar. Só que está a ser criada uma expectativa imensa, e pode não corresponder. E nessa altura, em vez de um enorme sucesso, vai ser percebida como um falhanço, ou um minissucesso. Isso não será bom, em circunstâncias nenhuma.

Por isso se devia ter algum recato agora. Depois de termos os resultados e sabermos o que são as vacinas, quer do ponto de vista da eficácia, quer da segurança, quer das condições de distribuição, aí sim, aí já temos muita matéria para falar, e aí teremos de ter uma discussão colectiva sobre como vamos lidar com a pandemia. Por ora, como diz o povo, é muita parra e pouca uva.

